

O Cônego Fernandes Pinheiro...

(Continuação da 5.ª pag.)

"O autor escreveu dois estudos sobre os holandeses no Brasil. O primeiro, denominado 'Brasil holandês', e o segundo, 'As batalhas dos Guararapes'. Embora não tenha sido feliz nas reflexões a que diz ter-se aventurado os estudos não são de todo destituídos de interesse" (grifamos).

Ve-se, portanto, que o Sr. José Honório Rodrigues não expôs aos seus discípulos as ideias sustentadas em sua obra, publicada em 1942 pelo Instituto Nacional do Livro.

Não nos deteremos em comprovar o mérito dos ensaios do Cônego Fernandes Pinheiro mencionados nas postilas do Itamaraty. A importância desses trabalhos está sobejamente demonstrada pelos historiadores que se manifestaram por ocasião do centenário de ingresso do Cônego no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Entretanto, em virtude do caráter oculto de que se reveste o livro do Sr. José Honório Rodrigues, é preciso, quanto antes, invalidarmos as informações here contidas.

Invoquemos, para isso, o valioso auxílio de Joaquim Ribeiro, um dos grandes eruditos em assuntos holandeses.

"Não na dúvida — declara o insigne historiador — que o Cônego Fernandes Pinheiro, com a argúcia que demonstra em suas monografias históricas, revela indiscutível preferência pelos temas de invasão e, ao examiná-los, ofereceu a historiografia nacional as suas melhores pesquisas. Percebe-se, nitidamente, que empreendeu trabalho premeditado para obra mais larga e de maior fôlego.

"Entre as suas contribuições para as invasões estrangeiras, dois estudos sobressaem: a *Raça Antártica* e o *Brasil Holandês*.

"Estava o Cônego Fernandes Pinheiro apto para empreender ambos trabalhos, principalmente e em virtude de sua familiaridade com a história nacional e a história europeia.

Tanto uma como outra invasão, ligam-se a sucessos da história da Europa, sobretudo relacionados com a crise religiosa.

Em ambos episódios, independente de outros fatores, salienta-se o conflito entre calvinistas e católicos.

O Cônego Fernandes Pinheiro dominava o assunto e, sem embargo de uma ou outra reatuação, natural nas pesquisas dessa natureza, faz uma exposição segura desses dois importantes capítulos da história colonial. 'França e Holanda foram as nações responsáveis pelo astraamento do calvinismo nesta parte da América.

Os dois episódios, entretanto, implicavam numa guerra de conquista e, sob esse aspecto, constituem temas de história militar.

De um lado, a defesa do 'imperium português e da religião católica e, de outro, a política de invasão e de expansão e de expansão colonialista, fundada na força belica.

"Os dois ensaios do Cônego Fernandes Pinheiro têm, pois, um elo comum: é a parte mais significativa da história das invasões estrangeiras no Brasil. O objetivo era fragmentar o domínio português, embora, no caso da guerra holandesa, se visasse ao poderio filipino, que então se estendia ao Brasil.

"Em ambos os estudos o Cronista do Império põe à mostra as suas qualidades de historiador, sem, todavia, fugir ao feito romântico, que era, aliás, a marca do tempo em que viveu. Não lhe faltava argúcia crítica nem probidade de pesquisador.

"Em ambos ensaios verifica-se que boas fontes foram consultadas. A ilustração, que possuía no campo da história universal, favoreceu, sem dúvida, o exame histórico. Não há estreiteza de vistas. As perspectivas são amplas e indicam alta visão de ambos episódios históricos.

"Hoje, os estudos do Cônego Fernandes Pinheiro podem e devem ser compulsados, pois neles se encontra matéria idônea para a compreensão de ambos episódios do nosso passado. Naturalmente os historiadores modernos dispõem de mais numerosas fontes e de novos métodos de interpretação, mas, em sua consciência, não podemos desprezar a con-

tribuição do erudito precursor.

"Onde, porém, o Cônego Fernandes Pinheiro consolida a sua antecipação no estudo da história militar do Brasil é no ensaio intitulado *As batalhas dos Guararapes*...

"É uma pesquisa admirável e a primeira que se fez no Brasil sobre duas memoráveis batalhas do nosso passado. A imparcialidade do historiador tem aí uma imponente sugestiva. A exegese militar fundada nos documentos do tempo, parece irrefutável.

"A história das batalhas é, hoje, um setor especializado da história militar não é qualquer historiador que pode avassar esse domínio. O cônego historiador, entretanto, revela tal capacidade expositiva que a quem ler o seu trabalho em saber que é obra de um clérigo que amais ergueu uma espada, parece uma monografia de um especialista.

"Não há exagero quando afirmamos que o Cônego Fernandes Pinheiro é um seguro precursor de nossa historiografia militar. Este título é legitimamente rangeado com os expressivos e notáveis trabalhos relacionados com as invasões estrangeiras no período colonial. Cumpre salientar, sob esse aspecto, a valiosa contribuição que trouxe, sem jactância, mas com louvável sobriedade e incisiva competência". (2).

Retornemos às postilas do Itamaraty. Um dos reparos a serem feitos consiste na mutilação do nome do primeiro residente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, e não somente Feliciano Fernandes Pinheiro (pg. 66).

Esse fato nos faz acreditar que o Sr. José Honório Rodrigues não é nada diligente no que respeita à fidelidade devida os nomes e, o que é mais grave, a de um dos fundadores do Sodalício e que é sócio efetivo! Convém salientar mesmo que o Sr. José Honório Rodrigues usou e vezeou na troca de nomes. Assim é que na explicação das Cartas de Miguel Azeite (3) atribui a Joaquim Manuel de Macedo (!!) a autoria do célebre romance de Manuel Antônio de Almeida intitulado *Memórias de um Sargento de Milícias*. Quando trata das Cartas Chilenas, confunde Alvarenga Peixoto com Silveira Alvarenga (!!) (4). No prefácio da *Correspondência de Capistrano de Abreu* (5), transforma o professor Manuel da Silveira Cardoso em Manuel Cardoso de Oliveira (!!).

Por mais estranho que pareça, é através de um palavreado inaceitável, destituído de fundo e de forma, que o Sr. José Honório Rodrigues, com a ênfase de um registrador, procura, em vão, demolir o conceito de que goza o Cônego Fernandes Pinheiro em nossas letras e, aliás, a falta de escrúpulos do Sr. José Honório Rodrigues, no que tange a assuntos culturais, já se tem revelado em diversas circunstâncias. No dia do centenário de Capistrano de Abreu, foi denunciado, na tribuna do Instituto Histórico, pelo professor Mozart Monteiro, por ter, na qualidade de funcionário da Biblioteca Nacional, sonogado aos estudiosos, durante vários anos, as cartas do homenageado, para deles depois se aproveitar, publicando-as como escritor...

Admitimos nós a probabilidade de não conhecer o Sr. José Honório Rodrigues os estudos históricos do Cônego Fernandes Pinheiro, donde a levandade de suas apreciações. Além disso, pelo simples manuseio de suas postilas, notamos que, para criticar historiadores, limita-se, às vezes, a reproduzir conceitos de críticos literários, nada especializados em historiografia. E, o que é mais interessante e original, suprime as citações que, compulsoriamente, deveriam acompanhar as transcrições que faz.

Do Visconde de São Leopoldo, por exemplo, afirma Silvio Romero: "ele é de nossos historiadores de seu tempo o que melhor sabia fazer um livro". (6).

Então, repete o Sr. José Honório Rodrigues:

"Fernandes Pinheiro foi, dos historiadores do seu tempo, o que melhor sabia escrever história..." (pag. 12).

Segundo Silvio Romero, os *Anais da Província de São Pedro*, do Visconde de São Leopoldo, "são um belo livro" (7).

E o Sr. José Honório Rodrigues, novamente sem citá-lo, insiste, *ipsis litteris*: "são um belo livro" (pag. 12).

Sustenta, ainda, Silvio Romero que José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, revelou-se um espírito ordeiro, claro, sóbrio (8), predicado indiscutivelmente adrede anotados pelo organizador de postilas do Itamaraty, para, depois, na mesma disposição, aplicá-los aos *Anais da Província de São Pedro*, livro "cheio de ordem, clareza e sobriedade" (pag. 12), conforme assegura.

Daí resulta a seguinte fusão do Sr. José Honório Rodrigues: os *Anais* "são um belo livro, cheio de ordem, clareza e sobriedade". (pag. 12).

Onde, pois, a originalidade de sua conclusão?

Por que copiar as informações de Silvio Romero quando declara na página 53 que este conhecia mal ou pouco a história do Brasil?

Sem dúvida um catejamento mais acurado nos levaria a outras aproximações e contrasensos.

Destarte, não é impossível que o Sr. José Honório Rodrigues, sem conhecimento direto das produções do Cônego Fernandes Pinheiro, haja reproduzido texto pouco recomendável, com ligeiras alterações, omitindo, para despistar o nome do autor em que se baseou.

Se isso não se deu, qual a sua autoridade para contestar a importância e influência do Cônego Fernandes Pinheiro na historiografia nacional?

Quais os livros que publicou, capazes de justificar essa autoridade?

Além dos informes meramente bibliográficos, de prefácios repletos de inexactidões, gaba-se o Sr. José Honório Rodrigues de ter publicado uma *Teoria da História do Brasil*, que contém tudo, menos — o que não era de se supor, a julgar pelo título adotado — a teoria da História do Brasil. Dêsse livro já se ocupou, com incontestável maestria o professor Joaquim Ribeiro, reduzindo-a ao seu seu nenhum valor.

Se o Sr. José Honório Rodrigues reconhecesse a profundidade da anedota de Apêles é provável que, simples licheador, não se embrenhasse, sem possuir o fio de Ariadne, nos intrincados labirintos da historiografia brasileira.

Felizmente, a comemoração do centenário de ingresso do Cônego Fernandes Pinheiro no Instituto Histórico, reiterando a expressão do elevado apreço dêsse douto Sodalício ao mérito invulgar de seu falecido sócio e secretário, veio desfazer as fantasias do organizador de postilas do Itamaraty.

Nos artigos dos historiadores que se manifestaram por ocasião do acontecimento — Américo Jacobina Lacombe (9), Barbosa Lima Sobrinho (10), Eremildo Vianna (11), Feijó Bittencourt (12), Jayme Coelho (13), Joaquim Ribeiro (14), Joaquim Thomaz (15), e Mozart Monteiro (16) — deverá o Sr. José Honório Rodrigues beber os conhecimentos de que tanto necessita.

Mário Portugal Fernandes Pinheiro

1) Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e a *Historiografia do Brasil*, "Jornal do Commercio", 6-3-1955.

2) As antecipações do Cônego Fernandes Pinheiro (a publicar).

3) op. cit., Instituto Rio Branco, 1953, pag. XXIV.

4) *Teoria da História do Brasil*, 1949, pag. 220.

5) op. cit., Instituto Nacional do Livro, 1954, vol. 1.º, pag. XI, 3, pag. IX.

6) *História da Literatura Brasileira*, 1.º ed., 1888, 1.º vol., pag. 578.

7) op. cit., pag. 580.

8) op. cit., pag. 579.

9) O Cônego Fernandes Pinheiro, "Jornal do Commercio" 17-6-1956.

10) O Cônego Fernandes Pinheiro e sua técnica de historiador (a publicar).

11) A biografia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (a publicar).

12) O Cônego Fernandes Pinheiro e a França Antártica (a publicar).

13) Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e a *Historiografia do Brasil*, "Jornal do Commercio", 6-3-1955.

As antecipações do Cônego Fernandes Pinheiro (a publicar).

15) Três estudos do Cônego Fernandes Pinheiro, "Jornal do Commercio", 11-7-1954.

16) Cronista-Mór do Império, "O Jornal do Commercio", 10-10-1954.

"Jornal do Commercio", 29-7-56